

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
DOULE BILL  
22 de janeiro de 2022

## CARNIVAL OF SOULS / 1962

um filme de Herk Harvey

**Realização:** Herk Harvey / **Argumento:** John Clifford, baseado numa história original de Herk Harvey / **Direcção de Fotografia:** Maurice Prather / **Música:** Gene Moore / **Som:** Ed Down e Don Jessup / **Montagem:** Bill DeJarnette e Don Palmquist / **Interpretação:** Candace Hilligoss (Mary Henry), Frances Feist (Mrs Thomas), Sidney Berger (John Linden), Art Ellison (vigário), Stan Levitt (Dr Samuels), Steve Boozer (Chip), Cari Conboy, T.C. Adams, Peter Schnitzler, Bill Solner (zombies), etc.

**Produção:** Harcourt Productions – Off-Colour Films / **Cópia:** DCP, preto e branco, falada em inglês com legendagem eletrónica em português, 78 minutos / **Inédito comercialmente em Portugal.**

**Carnival of Souls** é apresentado em “double bill” com **Der Tod der Maria Malibran**, de Werner Schroeter (“folha” distribuída em separado).

Entre a projecção dos dois filmes há um intervalo de 30 minutos.

---

Eis **Carnival of Souls**, peculiar filme de um peculiaríssimo cineasta, Herk Harvey (1924-1996), que passou a vida profissional a realizar filmes de âmbito institucional e educativo e teve aqui a sua única incursão na longa-metragem de ficção. **Carnival of Souls**, rodado por tuta e meia e com uma equipa técnica (e artística) maioritariamente recrutada entre os colegas de Harvey na Centron (a empresa para onde trabalhava fazendo os seus filmezinhos institucionais), passou despercebido quando estreou mas a sua fama não parou de crescer desde então. Sobretudo a partir dos anos 80 e 90, época em que o filme conheceu uma nova vida, como que ressuscitado de entre os filmes mortos, saudado por críticos e espectadores, aclamado em festivais, e mais recentemente editado numa das mais prestigiadas colecções de DVD do mundo, a da Criterion.

Poucos o viram em 1962, mas de entre esses houve quem começasse a fazer filmes muito por causa dele. O mais célebre dos admiradores de **Carnival of Souls** desde a primeira hora é George Romero, que confessadamente se inspirou nele para o seu **Night of the Living Dead** (1968) – e da tristeza e melancolia que predominam no desenho dos mortos-vivos do seu filme à amadorística estrutura de produção, não foi só uma a lição que Romero reteve de **Carnival of Souls**. Mas a verdade é que também encontramos eventuais sinais de um rasto deixado pela visão do filme de Harvey em muito David Lynch: não pela mera questão de uma “bizarria” lançada sobre o quotidiano, mas sobretudo pelo tratamento de um onirismo mortífero, ou pela

coexistência sem corte nem fronteira definida de “mundos reais” com “mundos mentais” ao abrigo de qualquer lei “racional”, ou ainda pela articulação destes elementos com uma geografia americana muito precisa – as “small towns” do interior, a paisagem aberta mas revestida de elementos inquietantes, “portais” para outros mundos (como o insólito pavilhão que se vê em **Carnival of Souls**, construído à beira de uma estrada que cruza o inóspito Great Salt Lake).

Esse pavilhão foi, de resto, a mola que fez despertar a inspiração de Herk Harvey. Foi quando o viu lhe veio a ideia para o filme, a partir de uma “visão” inicial: “dead people dancing in a ballroom in the Great Salt Lake”. Como em Lynch, encontrar uma explicação *lógica* para o que sucede em **Carnival of Souls** parece de somenos importância. Resumamos assim: é a última viagem, ou a última alucinação, de uma mulher que um acidente de automóvel deixou moribunda, um último lampejo de alma ou um último *forcing* mental pela vida, mas já irremediável e sistematicamente ameaçado, “puxado”, por tudo o que na condição da protagonista a encaminha para o mundo dos mortos. Donde, as suas visões; donde, as interrupções da sua presença (as “quebras” no som, os momentos de aparente invisibilidade aos olhos dos outros); donde, os mortos, com a sua maquilhagem triste (a cara pintada a giz e os olhos negros) e o seu “carnaval de almas” (os “dead people dancing in a ballroom” dão de facto cenas belíssimas), que com toda a gentileza deste mundo e do outro a chamam (um “carnaval de almas” também pode ser um “bailado de sedução”) para o lugar que doravante é o seu.

Uma odisseia por um limbo entre vida e morte, uma sereníssima jornada de preparação e aceitação, de encontro de uma continuidade e de uma ligação entre dois mundos: é belo e comovente o itinerário de **Carnival of Souls**.

Luís Miguel Oliveira